

# DA TOTALIDADE ONTOLÓGICA IDENTIFICADA NO FENÔMENO DA GUERRA A UMA ÉTICA INFINITA DA RESPONSABILIDADE.

*About the ontological totality identified on the phenomenon of war towards an infinite ethics  
of responsibility*

Valéria Dos Santos Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo apresenta a análise do filósofo lituano – francês Emmanuel Levinas (1906-1995), acerca do problema ontológico que se apresenta à noção ética de responsabilidade por ele proposta. Este problema é constatado no fenômeno da guerra, não por acaso, vivenciado por ele e que influenciou decisivamente seu pensamento. Na busca pelos fundamentos deste fenômeno é que Levinas chega à ontologia, que segundo ele, é a orientação filosófica preponderante em quase toda a história da filosofia ocidental. Eis então onde nasce a sua crítica ao discurso único do Ser, que prioriza uma noção de totalidade. Dessa forma, esta filosofia se define no encerramento e fechamento do pensamento. É próprio do discurso sobre o Ser pensar apenas sua interioridade e nada além, mostrando dessa maneira, a ontologia como uma filosofia do poder egoísta, que quando na relação com o Outro, absorve-o, impossibilitando relações éticas com o diferente de si. Isso impede a alteridade de se manter enquanto tal, e conseqüentemente, uma melhor compreensão do espectro da responsabilidade no mundo das relações práticas. É sobre o encerramento do pensamento na ontologia, da ascensão da ética como verdadeira filosofia primeira e da noção de responsabilidade proposta por Levinas, que este artigo irá se debruçar mais amiúde.

**Palavras-chave:** Fenômeno da Guerra; Ontologia; Ética; Responsabilidade.

**Abstract:** This article presents the analysis of the lithuanian philosopher - the french Emmanuel Levinas (1906-1995), about the ontological problem that presents itself to the notion of ethics of responsibility proposed by him. This problem is found in the phenomenon of war, not by chance, experienced by him and that decisively influenced his thoughts at the time. The search for the foundations of this phenomenon leads Levinas to the ontology that, according to him, is the preponderant philosophical orientation in almost all of western philosophy history. Hence where his critique towards the single Being discourse, which gives priority to a notion of totality. This way, this philosophy is defined at the closure of thought. It is distinctive of the discourse about the Being to think only its inwardness and nothing beyond that, picturing by this the ontology as a philosophy of selfish power, that when in relation to the Other, absorbs it, making it impossible to have ethical relations with a different of itself. This prevents the otherness from remaining as it is and, consequently, provides for a better comprehension of the spectrum of responsibility in the world of the practical relations between Me-Other. It is about the closing of thought on ontology, about the ethical ascension as true and first philosophy and the notion of responsibility proposed by Levinas that this article will lean towards more thoroughly.

**Keywords:** Phenomenon of war; Ontology; Ethics; Responsibility.

## Introdução

Para a construção desse trabalho é necessário antes uma breve visita a biografia de Emmanuel Levinas (Kaunas, 30 de novembro de 1906 — Paris, 25 de dezembro de 1995).

---

<sup>1</sup> **Vínculo Acadêmico:** Mestranda do Curso de Mestrado Acadêmico de Filosofia da Universidade Estadual do Ceará. **E-mail:** [valeria.mono@yahoo.com](mailto:valeria.mono@yahoo.com) **Contatos:** (98) 982566481 / (85) 997660916.

Por ter vivido o século XX, século onde eclodiram duas Grandes Guerras Mundiais e também a Revolução Russa, o filósofo sentiu em sua época a obscuridade e desumanidade presente no homem, refletidas em um estado de guerra. Nesse sentido, a preocupação de Levinas refere-se à busca de um novo sentido para o humano, que não esteja apoiado em um pensamento violento, egoísta e totalizante.

Se dermos atenção aos discursos de indivíduos que viveram o século XX, escreveram ou protagonizaram momentos dele, notaremos que estes têm em sua essência sentidos parecidos. Na maioria dos casos, é frequente nos enunciados a presença do medo, refletido no homem e materializado no estado de guerra em que a tônica principal era a luta do homem para dominar outro homem. Diante desse contexto histórico violento, onde apareciam algumas intervenções filosóficas, é que Levinas fundamentou sua pesquisa na tentativa de pensar novas orientações filosóficas que fossem capazes de impulsionar estes seres para além da totalidade em que se encontravam, visando uma exterioridade, o respeito a uma alteridade, orientações que pensassem o real numa pluralidade, que fossem capazes de negar a permanência dentro de um sistema fechado.

A questão fundamental que percorre todos os momentos do seu pensamento está presente no sentido do humano e na relação deste com outro humano. É importante nesta introdução definir os três momentos fundamentais deste trabalho para instruir o seu percurso.

O primeiro momento, que traz o fenômeno da guerra e a constatação do seu fundamento, reflete as preocupações do filósofo com a Europa de sua época no que tange aos acontecimentos históricos e cruéis da Primeira e Segunda Guerra Mundial, ocorridas nos anos de 1914 – 1918 e 1939 – 1945, respectivamente, além da Revolução Russa de 1917, que exigem do autor pensar sobre os fundamentos do fenômeno da guerra, e que evidenciam a influência deste fenômeno em seu pensamento, que terá como fim a construção de sua crítica à ontologia como ordenadora de uma totalidade.

O segundo momento, após sua crítica à ontologia, pretende evidenciar o frente a frente proporcionado por uma virada ética, transformada agora em uma ética da responsabilidade e baseada no respeito entre subjetividade e alteridade, de modo que, ambas, separadas, se sustentem para a manutenção dessa relação.

A partir disso, é que se torna necessário buscar um elemento que compreenda a realidade numa pluralidade, que aponte rumo à exterioridade e que se desprenda do exercício da interioridade do Ser. Neste terceiro e último momento, apresenta-se a proposta de

responsabilidade assimétrica que mostra a saída proposta por Levinas para alargar a realidade para além do Eu.

É este percurso que move essa investigação a aprofundar um pouco mais a análise do pensamento levinasiano, pautado na destituição da ontologia como única forma de pensar o humano na tentativa de ascensão de sua proposta ética que aponte para exterioridade, dessa forma, cedendo espaço para a manutenção das relações entre seres diferentes.

Vale lembrar que o intuito desta pesquisa não é ditar uma conclusão única a cerca do pensamento do filósofo em questão. Contudo, é de fundamental importância estudar e aprofundar o pensamento de um dos filósofos contemporâneos mais preocupados com o futuro da humanidade, notadamente com o desenvolvimento das relações entre esses seres humanos.

### **O fenômeno da guerra e seu fundamento.**

Logo no prefácio de *Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade*<sup>2</sup>, Levinas identifica na guerra um caráter totalizante, segundo ele fundamentado e encontrado dentro da própria filosofia. E é aqui que se apresenta o fechamento e o encerramento da filosofia presente neste fenômeno. Ao contrário do que se pensa, numa guerra não há separação entre os que disputam seus objetivos, pelo contrário, há a presença de uma unidade, onde o objetivo central é vencer e cumular todos os seres em um único interesse, excluindo a possibilidade de qualquer saída para a exterioridade e de qualquer manutenção de uma alteridade, e desse modo, conseqüentemente, da noção de responsabilidade de um Ser<sup>3</sup> por Outro.

Segundo o filósofo, a guerra, portanto, não é necessária, não é um evento natural, muito menos algo que deve ser imposto para o indivíduo, ao contrário, a guerra é algo criado pelo homem, pela própria razão humana. Desse modo, ela é resultado de uma orientação, de um sentido que se apresenta e se estabelece no pensamento humano. Para ele, tal afirmação se apresenta no discurso do Ser, na ontologia, que toma o indivíduo como um pertencente da totalidade.

O Ser, tomado pelo seu sentido de interioridade se mostra como um Ser totalizante, fora dele não existe nada, é impossível que haja uma alteridade permanecendo enquanto tal.

---

<sup>2</sup> Como *Totalidade e Infinito: Ensaio sobre a Exterioridade* é uma das obras base deste artigo, sempre que for citada será apresentada de maneira abreviada como *T. I.*

<sup>3</sup> A palavra *Ser* sempre aparecerá em maiúsculo quando fizer referência ao Ser ontológico.

Temos, pois, nas palavras do filósofo: “Nada, pois, é exterior. A guerra não manifesta a exterioridade e o outro como outro; destrói a identidade do Mesmo”<sup>4</sup>.

Diante disso, Levinas nos apresentará a constatação da presença ontológica na filosofia ocidental como um fundamento da totalidade que domina a filosofia:

A face do ser que se mostra na guerra fixa-se no conceito de totalidade que domina a filosofia ocidental. Os indivíduos reduzem-se aí a portadores de forma que os comandam sem eles saberem. Os indivíduos vão buscar a essa totalidade o seu sentido (invisível fora dela). A unicidade de cada presente sacrifica-se incessantemente a um futuro chamado a desvendar o seu sentido objetivo. Porque só o sentido último é que conta, só o último ato transforma os seres neles mesmos.<sup>5</sup>

Assim, a guerra se apresenta como uma existência anônima que domina e leva ao último ato aqueles que a obedecem, independente de quais sejam estes atos. Dessa forma, qualquer coisa que faça este Ser se sentir enquanto tal transforma-o em um existente que não se preocupa com as conseqüências das suas ações. Nesse caso, a razão é utilizada como instrumento de poder, desligada de toda e qualquer moral, e para o autor, a política como sua aliada também serve como instrumento no exercício da guerra: “Tal como a guerra moderna, toda e qualquer guerra se serve já de armas que se voltam contra o que as detém. Instaura uma ordem em relação à qual ninguém pode se distanciar”<sup>6</sup>.

A experiência da guerra demonstra aqui a destruição da identidade do Mesmo e do seu caráter único de ser um existente racional diante de suas próprias demandas. A busca de Levinas aqui é pela escatologia da paz, não necessariamente a escatologia da paz messiânica, ligada a vinda de um Messias Salvador, mas de um devir ético e moral que se sobreporia à ontologia da guerra.<sup>7</sup>

Diante dessa escatologia, da busca e da espera de algo, mesmo que numa infinição, é que Levinas iniciará uma investigação acerca da ética como uma nova *óptica* da experiência da moral decorrente dessa visão escatológica. Tal visão romperia com a totalidade das guerras sem ditar o fim da história do ser totalizante, mas pondo-o frente a frente com o infinito do Outro que vai além dessa totalidade.

---

<sup>4</sup> LEVINAS, 2008, p. 8.

<sup>5</sup> LEVINAS, 2008, p. 8.

<sup>6</sup> LEVINAS, 2008, p. 10.

<sup>7</sup> A escatologia deve ser entendida aqui como uma categoria ligada à esperança da salvação, traduzida por Levinas a partir da ideia de infinito. Nesse sentido, a história escatológica apontaria uma espécie de “vir a ser”, um devir, a busca de algo, a busca de uma paz que compõe a ideia de infinito, onde conhecer é impossível, mas é possível desejar e ser afetado por ela.

Aqui é onde se apresenta uma defesa da subjetividade, fundada, pois na ideia do infinito, onde é possível reconhecer-se a si mesmo em uma identidade e em seguida reconhecer ao Outro. A alteridade revelada na exterioridade através de um Desejo Metafísico despertado pela nudez do Rosto desconhecido ao Ser é que põe em questão a liberdade do Mesmo no momento em que exige justificativas para os atos egoístas deste. E é nessa relação com o absolutamente Outro, que se tem a real experiência moral, ou o próprio início por assim dizer, das relações éticas.

Se for aceita a ideia de que o que fundamenta a realidade é a totalidade, então tudo que é diferente deixaria de existir como uma realidade ímpar e autosuficiente. Se tudo for repleto apenas do próprio Ser, então a alteridade e a noção de responsabilidade pelo diferente de si se mostrarão impossíveis. Em outras palavras:

A relação com o ser, que actua como ontologia, consiste em neutralizar o ente para o compreender ou captar. Não é, portanto, uma relação com o outro como tal, mas a redução do Outro ao Mesmo. Tal é a definição da liberdade: manter-se contra o outro apesar de toda a relação com o outro, assegurar a autarcia de um eu.<sup>8</sup>

Diante dessa afirmação nota-se outra constatação feita pelo autor quanto à ontologia. Compreender ou conhecer é já dominar, e negar o “para além” da totalidade é estagnar-se na interioridade, na mesmidade de ser.

“A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder”<sup>9</sup>. Aqui Levinas inicia sua crítica à tradição filosófica ocidental que mantinha um exercício ontológico e mesmo sem intenção aplaudia a loucura do poder. Portanto, em contrapartida, num sentido ético, a disposição para o Outro não deve significar uma dominação.

### **A crítica levinasiana à filosofia como Ontologia.**

Levinas percebe uma forte ligação entre o exercício da guerra, o discurso do Ser e a tradição filosófica. O intuito dele não é de acusar outros filósofos de buscarem a guerra de forma deliberada, mas de mostrar o alicerce dela na prática, no exercício ontológico, no desenvolvimento e na manutenção desse pensamento encerrado em si mesmo. Por esse motivo é necessário uma crítica à ontologia como filosofia primeira.

---

<sup>8</sup> LEVINAS, 2008, p. 33.

<sup>9</sup> LEVINAS, 2008, p. 33.

A partir da investigação feita acerca do fenômeno da guerra é que se afirma a experiência dela como destruição ou impossibilidade de uma experiência moral, da manutenção da diferença, e, portanto de uma relação. Segundo Levinas, ocorre que, o discurso sobre o Ser, como dito anteriormente, esteve presente em toda a tradição filosófica, pois traz o Ser sempre como elemento primeiro e último, onde tudo se unifica. Diante disso, para que se possa propor a destituição deste discurso, antes o filósofo necessitará compreender aspectos fundamentais da ontologia para que possa em seguida criticá-la apontando suas conseqüências para toda a história do pensamento, até chegar às questões que se referem ao mundo da prática.

Levinas apresenta o intuito da ontologia ao manter o Ser no centro das atenções, onde tudo é repleto dele mesmo ou se direciona a ele. Para o filósofo, é notável que a manutenção desta filosofia, capaz de totalizar, se mostra como um impedimento à verdadeira filosofia que busca a verdade sem se restringir ou se cristalizar diante de um dito imutável, pois, para, além disso, está o amor à sabedoria, que contrariamente ao discurso único ontológico, é livre a um posicionamento crítico e não é obrigado a uma aceitação do já dito que não permite questionamentos. Para Levinas, a verdade se inscreve, portanto na possibilidade da saída do Ser, em sua relação com o Outro diferente de si.<sup>10</sup>

Por consequência disso, ao optar por um discurso totalizante e fechado, a filosofia acabou se submetendo ao Ser como essência do mundo numa totalidade, pondo em questão a sua busca contínua pela verdade. Para o autor, a lição de Sócrates é uma amostra desse paradigma da filosofia ontológica, pois o exercício do saber está presente naquele que o busca, o que demonstra a grandeza da verdade. No entanto, aqueles diferentes absorvidos pelo Ser acabariam buscando-a num espaço não diferente de si mesmo. A máxima de Sócrates, o “*Conhece-te a ti mesmo*” é compreendida por Levinas como o exemplo do exercício da Mesmidade, da manutenção da interioridade do Ser e da impossibilidade de qualquer surgimento de um diferente dele. Ou como ele dirá:

O primado do Mesmo foi a lição de Sócrates: nada receber de Outrem a não ser o que já está em mim, como se, desde toda a eternidade, eu já possuísse o que vem de fora. Nada receber ou ser livre. A liberdade não se assemelha à caprichosa espontaneidade do livre-arbítrio. O seu sentido último tem a ver com a permanência no Mesmo, que é a Razão. O conhecimento é o desdobramento dessa identidade, é liberdade.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Essa questão será desenvolvida mais adequadamente em sua obra *Autrement Qu'etre* (1974).

<sup>11</sup> LEVINAS, 2008, p. 30.

Para Levinas, a compreensão da Filosofia como Ontologia não está presente apenas na filosofia antiga como visto em Sócrates<sup>12</sup>. Também é importante observar o que o filósofo dirá a respeito dos traços ontológicos presente na proposta filosófica de Heidegger, por exemplo.<sup>13</sup>

Em *T.I*, Levinas aponta o cerne da ontologia fundamental de Heidegger, considerando que ele chega ao *Dasein* (ser no mundo), como ente especial e esta especialidade se dá em função de que ele é o único ente que pergunta pelo Ser. Para Levinas, Heidegger não pensa no Ser na relação com o Outro, mas sim no questionamento desse Outro e no retorno a si mesmo. Isto reflete um movimento que visa à interioridade do Ser, fazendo com que a lógica da ontologia fundamental heideggeriana não seja diferente das demais ontologias. Mesmo sendo um filósofo de sua admiração, também é o filósofo que Levinas tecerá suas maiores críticas por conta do seu incômodo com a afirmação de que a ontologia seria a filosofia primeira.<sup>14</sup>

No entanto, após analisar a história da filosofia ocidental, Levinas contraria Heidegger, afirmando que o esquecimento não foi o do Ser, mas sim do Outro. Para o filósofo, a prioridade da ontologia heideggeriana está no óbvio, “para conhecer o ente, é preciso ter compreendido o ser do ente”<sup>15</sup>. Nesse sentido, ao esquecer-se de pensar as relações, este de certa forma acabou afirmando que tudo que é encontrado pelo ente no mundo é utensílio servindo apenas para seu próprio uso.

Levinas, contrário ao primado ontológico supracitado, pensa numa ética ou fundamento que parte do Outro, porque para ele não é possível continuar aceitando a afirmação heideggeriana de que o pensamento parte do ente na relação com o Ser, e não do ente na relação com Outro. Como veremos, pois:

---

<sup>12</sup>É possível notar nos diálogos socráticos, se observados com um pouco mais de aprofundamento, que não havia espaço para discursos que priorizassem o novo, ao contrário, Sócrates desejava manter a continuidade do já dito e, ao utilizar-se da retórica como ferramenta, impregnava, discretamente, sua fala na boca dos outros que tentavam dizer ou refazer à verdade/condição imposta por ele.

<sup>13</sup> É necessário que se pontue aqui, que a ontologia não se resume apenas ao pensamento dos filósofos já citados, mas na presente investigação, tais referências apontarão para o saber e a verdade na direção de um sentido que se mantém preso numa totalidade, e serão úteis para dar norte a uma fundamentação um pouco mais aprofundada da crítica levinasiana.

<sup>14</sup>Tendo em vista que a crítica levinasiana à ontologia heideggeriana é extensa e renderia um trabalho inteiro, esta mesma não será esmiuçada. Focaremos apenas na questão do fechamento do pensamento presente nesta orientação filosófica.

<sup>15</sup> LEVINAS, 2008, p. 32.

Afirmar a prioridade do *ser* em relação ao *ente* é já pronunciar-se sobre a essência da filosofia, subordinar, a relação com *alguém* que é um ente (a relação ética) a uma relação com o *ser do ente* que, impessoal como é, permite o sequestro, a dominação do ente (a uma relação de saber), subordina a justiça à liberdade. Se a liberdade denota a maneira de permanecer o Mesmo no seio do Outro, o saber (em que o ente, por intermédio do ser impessoal, se dá) contém o sentido último da liberdade. Ela opor-se-ia à justiça que comporta obrigações em relação a um ente que recusa dar-se, em relação a Outrem que, neste sentido, seria ente por excelência.<sup>16</sup>

O terreno ontológico, portanto, acaba marcado pelo seu sentido imposto ao humano: o exercício de partir de si e retornar a si, sem nunca ter abandonado de fato aquilo que se é, sem nunca de fato ter partido. A totalidade como realidade afirma o pensamento ontológico, onde temos: “O ser antes do ente, a ontologia antes da metafísica – e a liberdade (mesmo que fosse a da teoria) antes da justiça”<sup>17</sup>, o que nutre, portanto, a Mesmidade, ao invés de nutrir as *obrigações* para com o Outro.<sup>18</sup>

Dito isso, é preciso compreender na proposta levinasiana que toda relação necessita de partes separadas, pois a separação é categoria essencial para a manutenção de relações éticas. Sem isto, configuraríamos novamente uma unidade. A chegada da ética, segundo Levinas representaria uma ruptura com a ontologia, por pensar num sentido voltado para o Outro, fora do Ser.

Por isso, contra a manutenção da ontologia como filosofia primeira, e não contra o Ser, é que Levinas proporá uma nova abordagem da realidade, capaz de pensar o real numa defesa da subjetividade, da exterioridade e do Outro infinito, até chegar à investigação da ética como verdadeira filosofia primeira, que só será efetiva na manutenção da relação entre diferentes.

Desse modo, o filósofo não se satisfaz apenas em encontrar os fundamentos que justifiquem o fenômeno da guerra, nem com o exercício da crítica. Mostra-se de suma importância para ele também buscar alternativas que respondam a procura de um novo sentido para o humano. Além da ontologia devem existir outras formas de se tratar o Ser, com a intenção de libertá-lo de uma realidade totalizada que não permite uma exterioridade. Diante dessa perspectiva, Levinas apontará à metafísica, como uma virada filosófica, onde o desejo do Eu pelo Outro é anterior a vontade de absorção do Outro pelo Eu. Em outras palavras, de modo mais claro e objetivo, o desejo pelo outro é desejo pela relação, que permita à saída do

---

<sup>16</sup> LEVINAS, 2008, p. 32.

<sup>17</sup> LEVINAS, 2008, p. 34.

<sup>18</sup> Obrigações, neste caso, fazem referência ao ato de responsabilidade, de justificativa, onde o sujeito deixa de ser egoísta e passa a justificar seus atos diante das obrigações que tem para com o diferente de si. Adiante isto será compreendido melhor.



Eu da sua própria solidão. E a ideia principal aqui é que nesta relação nunca haja absorção de um termo pelo outro.

No pensamento levinasiano, ética e metafísica se confundem ou são sinônimos, pois ambas se mantêm como um primeiro contato, como a relação mais original do sujeito com a sua exterioridade, o Outro. Adiante, o autor irá dirigir seus estudos às problemáticas presentes na relação entre estes dois diferentes, pois segundo ele: “A relação ética, oposta à filosofia primeira da identificação da liberdade e do poder, não é contra a verdade, dirige-se ao ser na sua exterioridade absoluta e cumpre a própria intenção que anima a caminhada para a verdade”<sup>19</sup>.

### **A destituição da ontologia como forma de pensar as relações práticas numa totalidade a partir da noção ética de responsabilidade assimétrica.**

Após a crítica à ontologia é importante recordar o que Levinas diz a respeito do exercício ontológico do Mesmo diante do saber (ou teoria) e sobre sua liberdade desmedida, pois é diante desta problemática que o filósofo buscará pensar uma noção de responsabilidade frente ao diferente de si, que respeite a alteridade possibilitando a manutenção da ética nas relações práticas.

Diante disso a proposta de Levinas em destituir a ontologia como forma de pensar o ser dentro das relações práticas marcará o momento da virada ética. Sendo este o momento em que se apresentará a noção de responsabilidade, onde tudo posso, sendo responsável perante os outros, como fundamento justificado das ações do ser, em oposição a uma liberdade ontológica, onde tudo posso, sem justificar meus atos ou preocupar-me com as consequências destes para os outros diferentes de mim. Dessa maneira o indivíduo se faz responsável, sua liberdade se torna questionável frente os pedidos de justificativas feitos pelo Outro, que agora e com sua alteridade mantida exige e se torna um problema do Mesmo.

Em *Ética e Infinito*, Levinas responderá à Phillippe Nemo uma pergunta acerca dessa responsabilidade com o seguinte:

A responsabilidade é o que exclusivamente me incumbe e que, humanamente, não posso recusar. Este encargo é uma suprema dignidade do único. Eu, não intercambiável, sou eu apenas na medida em que sou responsável. Posso substituir a todos, mas ninguém pode substituir-me. Tal é a minha identidade inalienável de

---

<sup>19</sup> LEVINAS, 2008, p. 34.

sujeito. É precisamente neste sentido que Dostoievsky afirma: <Somos todos culpados de tudo e de todos perante todos, e eu mais do que os outros>.<sup>20</sup>

Prosseguindo, é preciso pensar em como esta responsabilidade fixar-se-á no Eu já afetado pelo seu diferente em função do Desejo metafísico.<sup>21</sup> Para Levinas, a resposta para tal pergunta estará no fato de que a responsabilidade só pode ser de fato possível se pensada em relação ao Outro infinito e transcendente, pois este é o que desperta em mim a vontade de pensar para além do meu egoísmo, este é o que me faz sentir desejo pelo bem, pela bondade. Portanto, a responsabilidade pensada como um Desejo pelo infinito irá além do respeito do Mesmo para com a alteridade, pois marcará seu compromisso eterno com o Outro diferente de si, mesmo que este seja desconhecido e se apresente na figura de um rosto destituído de feições.

É a pobreza e ao mesmo tempo altivez apresentada no Rosto do Outro no momento do frente a frente ético que me incumbe desta responsabilidade, pois segundo Levinas:

O rosto em que outrem se volta para mim não se incorpora na representação de rosto. Ouvir a sua miséria que clama justiça não consiste em representar-se uma imagem, mas em colocar-se como responsável, ao mesmo tempo como mais e como menos do que o ser que se apresenta no rosto. Menos, por que o rosto me chama às minhas obrigações e me julga. O ser que nele se apresenta vem de uma dimensão de altura, dimensão da transcendência onde pode apresentar-se como estrangeiro, sem se opor a mim, como obstáculo ou inimigo. Mais, porque a minha posição de *eu* consiste em poder responder a miséria essencial de outrem, em encontrar recursos. Outrem que me domina na sua transcendência é também o estrangeiro, a viúva e o órfão, em relação aos quais tenho obrigações.<sup>22</sup>

Temos, portanto, o ponto alto do pensamento levinasiano no que diz respeito à noção de responsabilidade. Neste contexto o filósofo a pensará numa perspectiva assimétrica, composta de certo exagero na relação Eu-Outro, pois, a responsabilidade, pensada desta forma, transforma as obrigações do sujeito responsável para com o Outro, independente da obrigação deste último. Ou seja, o Outro não precisa ser recíproco com o Eu, ao contrário, o peso da responsabilidade é inteiramente do Eu. Como dirá Chaliier em sua obra *Lévinas: a utopia do humano*: “A assimetria ética funda-se na ideia de que a minha inquietude pelo outro não depende, de modo algum, da sua eventual preocupação por mim”<sup>23</sup>. O fato é que, para Levinas, devo manter-me responsável pelo Outro, independente da indiferença deste em

---

<sup>20</sup> LEVINAS, 2010, p.84.

<sup>21</sup> Este desejo é metafísico por que é impossível de ser saciado. É metafísico por que é infinito.

<sup>22</sup> LEVINAS, 2008, p. 210-211.

<sup>23</sup> CHALIER, 2003, p. 123.

relação a mim. O que me incumbe nesta função é a ética, pois o campo da moral que se constitui de seres independentes e separados é o que me mantém responsável e distante do retorno a uma totalidade imposta pelo terreno violento de dominação.

Prosseguindo, é importante perceber a diferença presente entre uma simetria voltada ao conhecimento ontológico e a assimetria presente no âmbito ético. Pois a primeira estaria pautada no saber, onde o sujeito detém o poder sobre o objeto de seu conhecimento e a segunda voltada para a responsabilidade, onde o sujeito detém sua atenção para o seu dever em relação ao diferente de si. Com isto, Levinas quer afirmar a condição de anterioridade da ética frente à ontologia, ou neste caso, da subjetividade diante da objetividade, da responsabilidade frente à liberdade desmedida e sem justificativas do sujeito.

Diferente da assimetria presente na proposta levinasiana, temos ainda na tradição filosófica outros pensadores da ética que fundamentaram sua filosofia numa simetria, pois para eles, as relações necessitariam de termos iguais para sua manutenção.<sup>24</sup> Na obra aristotélica, *Ética a Nicômaco*, mais especificamente no Livro VIII, temos a amizade como máxima virtude do humano, onde segundo o filósofo, desejar o bem para o outro não é suficiente e para a manutenção de uma amizade é necessário desejar o melhor numa reciprocidade entre ambas as partes da relação.

A amizade perfeita é a dos homens que são bons e afins na virtude, pois esses desejam igualmente bem um ao outro enquanto bons, e são bons em si mesmos. Ora, os que desejam bem aos seus amigos por eles mesmos são os mais verdadeiramente amigos, porque o fizeram em razão da sua própria natureza e não acidentalmente.<sup>25</sup>

Contudo, observando a proposta de reciprocidade apontada na citação acima, surgem algumas questões intrigantes no pensamento levinasiano frente a sua proposta de responsabilidade assimétrica. Pois, se existe relação, não deveria, portanto, existir responsabilidades iguais entre as partes? Ou neste caso, um é mais responsável que o outro? Ou por fim: por que então na ética levinasiana um é detentor de toda a responsabilidade, independentemente do outro?

Antes de responder tais questões é importante refletir sobre a reciprocidade, pois se as relações fossem aceitas desta maneira então a proposta da assimetria correria perigo visto que as partes desta relação ao se perceberem dentro de uma simetria ética pareceriam presas a uma

---

<sup>24</sup> Existem outros filósofos na tradição que exemplificam a ética simétrica. Porém escolheremos o filósofo grego Aristóteles (Estagira, 384 a.C. - Atenas, 322 a.C.) nesse momento, apenas para fazer um breve contraponto ao pensamento levinasiano.

<sup>25</sup> ARISTÓTELES, 1979, p. 141-142.

espécie de casa repleta de espelhos. Nesta analogia, o Mesmo e o Outro a todo instante acabariam se chocando, sentindo-se um a imagem do outro, seja nas suas obrigações, seja nas suas responsabilidades, podendo ocasionar paralisia da ação.

No entanto, por outro lado, Levinas defenderá a assimetria ética, porque ela refere-se exclusivamente à responsabilidade, mais especificamente, ao Mesmo como responsável na relação, que detém toda a responsabilidade para si, independentemente das obrigações do Outro. E é na tentativa de sanar todas as questões que surgem a partir da espera do Mesmo pela reciprocidade do Outro, que o filósofo retoma ao momento do frente a frente.

É no frente a frente, com a exposição do Rosto despido de toda adjetivação que é possível compreender a proposta levinasiana de uma assimetria moral. Pois o Rosto que surge, é o mesmo que mal se apresentou e já partiu, deixando o sujeito incomodado. Diante dessa preocupação, desse incômodo gerado pelo Rosto, e da falta de saída que afeta o Eu ao se perceber cercado pelas obrigações deixadas pela passagem do Outro na sua porta, é que este Mesmo, se sente na condição de ser responsável.

Para Levinas é neste momento que o Desejo metafísico se mostra, no cuidado e no anseio do Eu que busca o Outro para lhe dar respostas, que se preocupa em saber o que aconteceu para que sua passagem tivesse sido tão rápida. Aqui é que se configura uma responsabilidade ética. É preciso ainda, segundo o filósofo, compreender a importância do discurso e da linguagem, pois neste instante, ambos se tornam essenciais ao proporcionar um ambiente em que é possível o Outro reclamar suas exigências e o Mesmo ter o dever de responder a elas no face a face.

Finalmente, na tentativa de sanar as questões sobre a responsabilidade assimétrica, Levinas dirá a Phillippe Nemo respondendo a sua pergunta, sobre se “o outro não seria responsável também em relação ao mesmo”, da seguinte maneira:

Talvez, mas isso é assunto *dele*. Um dos temas fundamentais (...) de *Totalidade e Infinito* é que a relação intersubjetiva é uma relação não-simétrica. Neste sentido, sou responsável por outrem sem esperar a recíproca, ainda que isso viesse a me custar a vida. A recíproca é assunto *dele*.<sup>26</sup>

Para o filósofo, pensar desta maneira é levar em consideração que cada sujeito tem suas responsabilidades, na medida em que se relaciona de um modo único com o diferente de si, não importa em qual situação, respondendo aos chamados do Outro e cumprindo com seus deveres perante esse diferente, independentemente da espera pela reciprocidade. Compreender

---

<sup>26</sup> LEVINAS, 2010, p. 82.

isto na perspectiva levinasiana é atentar para o fato de que é falho esperar na ação dos outros uma mudança rumo à humanidade mais justa, pois tal mudança não pode depender desta ação.

Em uma de suas últimas obras, *Autrement Qu'etre* (1974) ou na tradução espanhola de Antonio Ramos, *De Otro Modo que Ser* (2003), Levinas introduzirá a noção de “substituição” em seu pensamento, levando sua concepção acerca da responsabilidade às suas últimas consequências. Pois segundo o filósofo, ao atingir a substituição, a responsabilidade do sujeito a respeito do outro se transforma em “o para o outro do desvelamento, da mostração ao outro convertendo-se em para o outro da responsabilidade”<sup>27</sup>.

De acordo com Carrara: “O um-para-o-outro significa o excesso da responsabilidade. Minha responsabilidade pelo outro é o “para” da relação”<sup>28</sup>. Ao alcançar este ponto do seu pensamento, Levinas aponta o sujeito em sua condição de ser responsável perante os outros e para além, coloca-o ainda como substituto do Outro em seus mais diversos momentos da vida.<sup>29</sup> A intenção do filósofo aqui é afirmar a substituição como própria do sujeito responsável e não destituí-lo de suas obrigações através da mesma.

A identidade do sujeito, neste momento, não é própria dele mesmo, nem advinda de sua condição natural de ser, mas sim a partir da abordagem que é feita pelo Outro. O mesmo é para o Outro, e sua identificação depende exclusivamente de como é afetado pela presença deste. Em afirmação a isto, Carrara dirá:

O um-para-o-outro da responsabilidade infinita se oferece como a significância que fundamenta sua existência, impedindo-a de recair no sem-sentido *il y a* que arrisca retornar sempre quando se perde de vista o sentido da responsabilidade infinita pelo outro.<sup>30</sup>

É por conta disto que é possível compreender que o si-mesmo do Eu depende do Outro, pois ao passo que nada pode desfazer sua condição de sujeito responsável frente a este, aquele se nota como refém, e a ele é dado toda a expiação possível.<sup>31</sup> Compreender-se em si-mesmo é estar para além da vontade ontológica de querer dominar o Outro, ao contrário, é

---

<sup>27</sup> Tradução caseira da obra *De Otro Modo que Ser*, 2003, p.190.

<sup>28</sup> CARRARA, 2010, p. 79.

<sup>29</sup> Tal questão está presente no trabalho apenas para mostrar a qual grau é capaz de chegar a reponsabilidade proposta por Emmanuel Levinas, porém não tem o intuito de se debruçar sobre a noção de substituição, nem percorrer todo o caminho feito pelo autor na obra em questão para chegar a tal afirmação.

<sup>30</sup> CARRARA, 2010, p.84.

<sup>31</sup> Essa expiação, nas palavras de Carrara, deverá ser compreendida no pensamento levinasiano como sendo “a categoria apropriada à substituição em que o eu é chamado à unicidade pelo Outro e que é capaz de reunir simultaneamente a identidade e a alteridade”. (CARRARA, 2010, p. 82.)

desejar substituir ao Outro em suas angústias. Levinas ainda dirá em *De Otro Modo que Ser* que:

O Eu não é capaz de expiar pelos outros; é essa expiação original e involuntária porque é anterior à iniciativa da vontade, anterior à origem, como se a unidade e unicidade do Eu fossem já a carga sobre si da gravidade do outro. Neste sentido, o si mesmo é bondade ou está sob a exigência de um abandono de todo ter, de todo o seu e de todo para si, até chegar à substituição.<sup>32</sup>

Neste sentido, o Eu ao sentir-se refém (por não ter a reciprocidade do Outro da mesma forma que lhe oferece), em substituição à sua condição, e ao mesmo tempo devendo ser responsável por tudo e por todos, sente-se perturbado e retira-se da condição de detentor da sua própria existência. Por outro lado, Levinas deixa claro que sua intenção é fazer com que este Eu seja consciente de que não é mais a partir de si que se reconhece como existente, e sim a partir do Outro infinito e absoluto, que passa a dar sentido a sua existência.<sup>33</sup> Isso é o que faz com que esse Eu seja oriundo não do seu existir, mas sim por conta do Outro que também existe e é, agora não mais de maneira oculta ou apenas termo de objetivação.

Nota-se, portanto, que a disposição frequente da civilização ocidental em sintonia com a filosofia como ontologia, de reduzir tudo que é estranho e indecifrável a uma única compreensão é o que acaba destruindo a alteridade daquilo que nos é exterior, impossibilitando as relações que consideram a diferença e a alteridade como elemento fundamental.

Por isso, Levinas pensa uma maneira de destituir o exercício ontológico como forma primeira ou única de pensar as relações práticas do mundo, a fim de constituir a ética como verdadeiro alicerce para essas relações, pois só posterior à aceitação dessa condição ética é que é possível se pensar uma ontologia. Finalmente, é na tentativa de alcançar, portanto, uma prática de responsabilidade por aquele Outro absolutamente diferente, que se faz necessária a quebra desse paradigma totalizante presente na filosofia como ontologia. Ou nas palavras de Luís Costa na sua obra *Levinas: uma introdução*:

O critério de fundamentação última da ética que se enuncia como “humanidade, subjetividade e ser para o outro” instaura o âmbito do ético (âmbito do des-interesse) como originário e desloca o âmbito ontológico (âmbito do inter-esse) de sua pretensa originariedade. Se o ontológico assinala o possível no mundo, a ética

---

<sup>32</sup> Tradução caseira da obra *De otro modo que Ser* 2003, p. 188.

<sup>33</sup> É importante esclarecer que essa condição levinasiana não propõe uma espécie de prisão ou escravidão do Outro em relação ao Mesmo. Ao contrário, isto é necessário ao passo em que o Outro não passa mais despercebido pelo Mesmo e sua presença é impossível de ser negada.

assinala – entre os possíveis – o permissível conforme as exigências éticas do princípio ético da “responsabilidade para com o outro”.<sup>34</sup>

Para além do Ser, rumo à exterioridade absoluta. É nessa direção que apontará a noção ética de responsabilidade assimétrica no pensamento levinasiano em contraposição à orientação ontológica violenta contida na totalidade.

### Conclusão

Levinas, não por acaso, é considerado por muitos como um filósofo que se propôs a defender a anterioridade da ética frente à ontologia, por buscar afirmar aquela como essencial para manutenção de relações entre diferentes, e que segundo ele, só é possível através de uma separação radical entre os termos da relação: Eu - Outro. Para tanto, é necessário que haja relação entre seus termos, ou em outras palavras, entre subjetividade e alteridade, de modo que uma respeite o espaço da outra.

A ética, a partir daí, se apresenta no frente a frente, na angústia do Eu satisfeito em suas necessidades, mas que pelo psiquismo se vê dependente de um contato com o exterior, com o Outro desconhecido, através do Desejo Metafísico que sente por este. A relação ética é dessa maneira, a relação mais original entre seres separados e distintos, e ao manter-se assim, tudo que resulta dela é um comprometimento do Eu de se justificar pelos seus atos, e de assumir uma responsabilidade infinita na sua condição de “*ser para outro*” e não mais “*ser para si*”.

A responsabilidade infinita pelo Outro é que mostra o que existe de mais humano no sujeito. Por esse motivo é que o filósofo preza por relações que se sustentem através de uma alteridade e não a partir de uma unidade, pois se as relações acontecessem de acordo com esta última, a responsabilidade resultaria na intencionalidade do Ser sobre o Eu. Contudo, como aponta Levinas, essa responsabilidade deve surgir na relação Eu-Outro, permitindo a este último termo continuar sendo ele próprio, impossível de ser absorvido como conteúdo. Neste excesso da responsabilidade é que é possível notar a indicação de um caminho proposto pelo filósofo que pense a humanidade na sua essência solidária perante os outros.

A partir dessa noção de responsabilidade, despertada através da miséria do Rosto do Outro, que impugna o Eu e desperta nele uma sensibilidade, é que surge a possibilidade de

---

<sup>34</sup> COSTA, 2000, p.156.

construção de novas relações, e conseqüentemente de uma nova sociedade melhor estruturada e sustentada no respeito aos espaços do Outro diferente de si.

O pensamento de Lévinas, portanto, surge como uma crítica atual e essencial à sociedade contemporânea na medida em que se opõe ao exercício da dominação, morte e guerra numa totalidade, sugerindo, quiçá uma proposta de mudanças de posturas nos sujeitos que vivem estas condições. O fato é que as orientações filosóficas e os fundamentos que sustentam as relações entre os seres humanos precisam ser repensados no mundo contemporâneo. O filósofo em questão, deixa suas contribuições nesse sentido, na medida em que aponta para uma avaliação da vida em sociedade e da vida individual.

A intenção aqui não é de afirmar que Levinas se propôs a resolver todos os problemas do humano e da vida deste em sociedade, mas de entender como este filósofo tomou para si uma questão vivida e sofrida em sua própria pele na sua condição de ser humano, que convenhamos talvez seja a iniciativa que falte a todos que desejam compreender a realidade em que estão inseridos. Ou seja, ele observou o mundo em que vivia, encontrou o que o incomodava, foi em busca de um fundamento e tentou compreendê-lo e expandi-lo. No entanto, ao perceber que este fundamento (no caso, a ontologia) não apontava o humano em sua condição de ser para si e para os outros, sua busca se estendeu na tentativa de encontrar outro fundamento (a ética) que destituísse a condição violenta de dominação presente no exercício ontológico. E é nesta ética que se constitui a responsabilidade infinita do Eu pelo Outro infinito.

A ação humana frente ao Outro não depende da ação deste, mas da sua condição de necessitado de alguém que exige de mim uma posição frente às suas vicissitudes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. In: Col. Os Pensadores. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornhein. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

CARRARA, Ozanan Vicente. **Levinas: do sujeito ético ao sujeito político**. Aparecida: Ideias e Letras, 2010.

CHALIER, Catherine. **Levinas: a utopia do humano**. Tradução de Antonio Hall. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

COSTA, Márcio Luis. **Levinas: uma introdução**. Apresentação de Silvana Rabinovich e tradução de J. Thomaz Filho. Petrópolis: Vozes, 2000.

LEVINAS, Emmanuel. **De otro modo que ser, o más Allá de La essência**. Introducción e traducción de Antonio Pintor Ramos. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2003.

\_\_\_\_\_. **Ética e Infinito**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 2010.



\_\_\_\_\_. **Totalidade e infinito: ensaio sobre a exterioridade.** Tradução de José Pinto Ribeiro.  
Lisboa: Edições 70, 2008.